

VISITA DA MISSÃO CULTURAL FRANCESA AO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

A 2 de maio deste ano o Conselho Nacional de Geografia recebeu a visita da Missão Cultural Francesa. A tarde daquele dia, na sede do C N G. realizou-se a expressiva cerimônia, sendo os componentes da Missão recepcionados em sessão solene na qual tomaram parte os membros do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, chefes de serviço dessa instituição e representantes da cultura geográfica do País.

Presidiu a sessão o Dr. HEITOR BRACET, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que convidou para a mesa os Srs embaixador VALLERY-RADOT, o conselheiro da Embaixada Francesa, Sr. conde de CROY, o adido militar coronel MICHEL e o adido cultural Prof. WARNIER, o Prof RONZE e o capitão GABARD, membros da Missão Cultural Francesa, o Gen CÂNDIDO RONDON, o Dr MÁRIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, Prof. DELGADO DE CARVALHO, Prof FRANCIS RUELLAN, Prof CÂNDIDO DE MELO LEITÃO O Dr. HEITOR BRACET iniciando a sessão, lamentou o fato de se achar ausente do Rio-de-Janeiro o Sr embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do I B G E que o incumbira de receber em seu lugar a visita da Missão Cultural Francesa apresentando-lhe as saudações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dando a seguir, a palavra ao Prof CARLOS DELGADO DE CARVALHO para saudar os ilustres visitantes.

Tómando a palavra o Prof DELGADO DE CARVALHO assim se expressou "Solidarizado a apresentar as boas vindas do I B G E aos ilustres membros da Missão Cultural Francesa aceitei essa honra pois tinha dois objetivos dizer-lhe alguma coisa e endereçar-lhe um pedido.

Primeiramente, permitam-me falar sobre recordações pessoais. De volta ao Brasil em 1908, encontrei em meu país uma situação interessante. Reconheci à primeira vista uma grande influência francesa em todos os meios sociais, influência esta que era sustentada por uma simpatia verdadeira. Muitas manifestações de cultura se faziam mesmo na língua francesa. Não somente essa influência do pensamento francês se manifestava na elite cultural, mas também nas classes profissionais. Havia no entanto, já que eu vou falar de Geografia, uma certa ignorância da metodologia moderna do ensino geográfico.

No ensino continuava-se na rotina. Na França no entanto por essa época já tinha passado o velho tempo em que aprender Geografia era decorar nomenclatura, VIDAL DE LA BLACHE já havia modernizado a Geografia. Todavia, PIERRE DENIS, já possuía aqui um certo número de leitores e já se iniciava a

longa campanha em favor da modernização do ensino da Geografia. Um dos inspiradores dessa corrente foi o Prof. RAJA GABAGLIA aqui presente.

Hoje, pode-se dizer que vencemos essa etapa, às vezes com muitas dificuldades. Assim, a divisão racional do país em regiões levou aproximadamente trinta anos para ser obtida, mas foi por fim adotada oficialmente. Muito contribuiu para esse desenvolvimento dos estudos geográficos entre nós o contacto pessoal que se vem processando desde há quinze anos, entre os professores franceses e os nossos estudiosos da Geografia. Já citei PIERRE DENIS, PIERRE DEFFONTAINES e PIERRE MONBEIG que lançaram as pedras sobre as quais construímos nossa Geografia Humana. Agora, temos entre nós nosso caro amigo, o Prof RUELLAN, infatigável no estudo do Brasil e que transmite seu entusiasmo a seus alunos e alunas que o acompanham cantando, em suas excursões pelo interior. Só podemos desejar que esse contacto cresça e continue sempre.

Ao começar eu me referi a um pedido. Trata-se do seguinte: Durante mais de quatro anos de guerra fomos privados dessas relações regulares, normais mesmo, com o pensamento francês, não recebemos mais os livros científicos e também os livros escolares. É preciso restabelecer quanto antes essa corrente. É verdade que o nosso fundo de cultura francesa foi bastante forte e enraizado para subsistir a quatro anos ou mesmo mais de isolamento, mas sentimos todos a necessidade de restabelecer essas comunicações diretas. É esse, pois, o meu pedido, que seja restabelecido o contacto com os mestres e os livros, o contacto espiritual com a França.

O C N G representa o órgão central da Geografia brasileira e tem uma função de controle mais que uma função executiva. É em seu nome que eu vos desejo boas vindas vos pedindo o restabelecimento desse contacto, a fim de estar sempre perto da França."

Terminada a saudação do Prof. DELGADO DE CARVALHO o Sr presidente passou a palavra ao Prof. FRANCIS RUELLAN. Referiu-se primeiramente o Prof. RUELLAN às palavras do Prof. DELGADO DE CARVALHO que havia descrito com fidelidade o ambiente geográfico e a amizade que aqui reina, amizade verdadeira pois tem por base o trabalho. Assim se exprimiu, por fim, o Prof. RUELLAN "Durante esses quatro anos de provações para a França, em cada momento difícil, sempre encontrei aqui amigos. Depois, quando vieram as vitórias, a invasão, a libertação de Paris, em cada uma dessas ocasiões as mani-

festações que aqui tiveram lugar foram para mim um grande conforto. Por ocasião da II Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, realizada no Rio-de-Janeiro no ano passado, partiu do Brasil a iniciativa de uma homenagem à França.

Nesse ambiente de amizade e simpatia trabalha-se séria e arduamente. O contacto com os mestres da Geografia é constante. O trabalho até agora realizado pelo Conselho Nacional de Geografia é superior a tudo que foi feito de comparável em todo o mundo pelos Conselhos e Comissões de Geografia membros da União Geográfica Internacional.

O Prof. DE MARTONNE por ocasião de sua visita ao Brasil em 1933 salientou o interesse que haveria na criação de um Comitê de Geografia. A Academia de Ciências se interessou pela idéia e iniciou uma campanha que redundou na criação do I. B. G. E., órgão de coordenação das atividades geográficas e estatísticas federais, estaduais e mesmo municipais. O Conselho Nacional de Estatística já fôra anteriormente criado, e o Conselho Nacional de Geografia então fundado iniciou seus trabalhos em 1937.

Desde meu primeiro contacto em 1940, percebi a grande importância desse órgão que não constitui unicamente um comitê encarregado de supervisionar as atividades geográficas do país, o que já seria digno de apreço. Suas atividades têm um âmbito maior e é preciso fazer um esforço para compreender tudo quanto tem sido realizado em tão pouco tempo, como o C. N. G. se tornou a casa da Geografia. É um exemplo único no Mundo.

A primeira finalidade foi a elaboração da Carta Geral do Brasil ao milionésimo baseada em uma carta a 1 500 000 para as regiões mais habitadas a fim de satisfazer às necessidades do país e responder às deliberações da União Geográfica Internacional.

Tenho a honra de participar cada semana há quatro anos, das sessões da Comissão que dirige os trabalhos da Carta e posso afirmar que se faz um trabalho rigoroso, metódico e além do mais, rápido. Foi preciso obter dados e para isso fez-se a campanha dos mapas municipais, depois a das coordenadas geográficas e finalmente, está o C. N. G. estabelecendo uma base para a triangulação geodésica. A todos esses trabalhos acrescenta-se a coordenação de tudo que havia sido feito nos grandes Estados, e em outros órgãos do Estado, Ministério da Agricultura, da Guerra, expedições científicas, etc. Essa obra é imensa e no entanto, ainda há mais. Para fazer essas cartas organizaram-se expedições ao interior nas quais tomaram parte, talvez pela primeira vez na história das expedições geodési-

cas, pessoas encarregadas da interpretação, propriamente geográfica da paisagem.

A divulgação propriamente geográfica do C. N. G. é realizada por uma outra comissão, encarregada das publicações.

O Conselho publica a *Revista Brasileira de Geografia* e a Comissão examina os artigos a fim de se assegurar de que eles sejam geográficos, publica ainda obras geográficas e um *Boletim Geográfico*, mensal.

Além dessas atividades devo citar um curso de aperfeiçoamento geográfico que desde 1942 venho aqui realizando, a princípio associado a um curso de Cartografia para os cartógrafos do interior do país, depois completado por um curso de Geomorfologia para os geógrafos da Secção de Estudos. Esse curso é completado por excursões para as quais, como disse o Prof. DELGADO DE CARVALHO todos partem cantando, trazendo na volta novos conhecimentos e novas interpretações que são reunidos em relatórios apresentados e discutidos em reuniões semanais, as tertúlias geográficas.

São esses alguns aspectos dos trabalhos que estão sendo realizados pelo Conselho Nacional de Geografia. Quero frisar para meus amigos franceses a grande importância desse órgão, intimamente ligado aos órgãos administrativos do Estado, e faço votos para que em França um Instituto semelhante seja criado, pois sua utilidade é muito grande. Em toda parte, a administração precisa de informações sobre tal ou qual região; quando um chefe de Estado quer saber como resolver os problemas políticos ou econômicos, o Conselho estudará o assunto, apresentará as informações pedidas, as conclusões a que chegou. Isso é verdadeiramente Geografia aplicada, a terceira grande atividade do Conselho Nacional de Geografia.

Tudo isso se realizou graças a esforços constantes e dignos de todos os aplausos, especialmente os do embaixador J. C. DE MACEDO SOARES e do secretário-geral Eng.º CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO que é a alma do mesmo Conselho e seu animador, sem o qual, nada do que acabo de vos dizer teria sido realizado com tanto sucesso.

Quando em breve a União Geográfica Internacional recomençar na paz suas atividades, espero que um congresso internacional seja instalado no Rio-de-Janeiro e o Conselho de Geografia e seu secretário-geral e organizador Eng.º CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO terão sua recompensa pois os geógrafos de todos os países se convencerão então de que nenhuma obra tão completa foi realizada até agora noutro país!.

Falou a seguir o Prof. RAYMOND RONZE que se referiu inicialmente à

emoção que sentia de, não sendo um geógrafo, falar diante de tão ilustre auditório, do qual fazia parte o grande explorador de renome mundial, o general RONDON a quem ele prestava homenagem como a um dos mais notáveis heróis das explorações modernas enquanto fazia votos para que, em breve, uma digna homenagem, semelhante à que anteriormente foi feita a outros exploradores notáveis, lhe pudesse ser prestada em Paris

Continuou o Prof RONZE dizendo que se sentia constrangido pelo fato do Prof RUELLAN ter querido que ele, que não era geógrafo, falasse nesse recinto Como o Prof RUELLAN, estudou História e Geografia conjuntamente a fim de fazer o concurso para a "Agréation", mas, como historiador, suportava dificilmente os estudos geográficos, dando-se o contrário com o Prof RUELLAN Não poderia portanto discorrer sobre Geografia e pedia desculpas pois falaria sobre as tendências atuais da escola histórica francesa, quanto ao método da História Contemporânea

O método histórico clássico, magistralmente definido no célebre trabalho de SEIGNOBOS e LANGLOIS é de emprêgo difícil nos estudos de História Contemporânea Na realidade, a extrema abundância de documentos para a História Contemporânea desanima logo grande número de estudiosos a síntese é perfeitamente impossível e por outro lado, a crítica das fontes é extremamente difícil pois a imparcialidade necessária não pode existir

Essa situação em que se debate um estudioso da História Contemporânea fiel aos métodos clássicos, foi focalizada por ANATOLE FRANCE no prefácio da *Histoire Contemporaine* onde ele narra as aventuras de FULGENCE TAPIN historiador dos pingüins

Diante de um tão grande número de dificuldades, a maior parte dos pesquisadores evita a História Contemporânea Daí vemos uma História Antiga em aparência excelente, uma História da Idade Média, em contínuo progresso e uma História Moderna e Contemporânea apenas esboçada.

Na realidade, a História Contemporânea exige daqueles que a enfrentam, múltiplos conhecimentos de direito e de política, de economia, finanças, religião, etc

A jovem escola histórica francesa é antes de tudo erudita, mas só interessa aos especialistas, com seus prefácios copiosos e numerosas notas Ela introduziu no entanto noções novas como a união da Geografia, da História e da Política, das ciências da Terra e

do Homem Já ELYSÉE RECLUS em *La Terre et l'Homme* tentou essa união, para a qual contribuíram grandemente JEAN BRUNHES e VIDAL DE LA BLACHE, criadores da Geografia Humana, continuados brilhantemente por outros como ARBOS, ALIX, DEFFONTAINES, etc, principalmente geógrafos e outros, historiadores Não se pode deixar de citar JACQUES ANCEL e sua *Geografia das Fronteiras* Essa corrente é representada, na Alemanha pela Geopolítica do general KARL HAUSHOFER de Munique

É essa a situação atual dos estudos de História Contemporânea A história científica, erudita e universitária só interessa aos eruditos e aos estudantes Mas o público gosta de História e dia a dia cresce o interesse por uma História brilhante, literária, pelas biografias romaneadas, pela história partidária Assim, ao lado da admirável *História da França* de LAVISSE, das coleções Peuples et Civilisations de HALPHEN e SAGNAC, GLOTZ, ou CLIO, coleções de História erudita, bem documentadas etc, mas que poucos, só os estudiosos do assunto conhecem, outras obras como a História da França realista de BAINVILLE, outras da Coleção Flammarion ou Fayard, de OCTAVE AUBRY ou de LOUIS BERTRAND alcançam um grande sucesso

Estamos pois em plena crise das ciências históricas, crise de doutrina, de livrarias, crise política É preciso no entanto, levar em conta a história da educação social e política do público e impedir que este seja envenenado por sofismas de propaganda como a história da França de JACQUES BAINVILLE A História erudita, científica, deve se tornar acessível ao grande público, a fim de realizar essa tarefa Deve-se tentar introduzir a arte na História científica, torná-la mais literária e mais agradável ao grande público e, ao mesmo tempo, introduzir a ciência na literatura histórica O moderno historiador deve ter em vista criar obras honestas, baseadas na ciência e se possível bem escritas, que possam interessar a todos, aos governantes e ao cidadão humilde já que esse cidadão deve participar, num regime democrático, da direção do Estado"

Terminada a comunicação do Prof RONZE o presidente agradeceu ao mesmo e a todos os presentes e pedindo ao Eng^o CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO que servisse de cicerone na visita, deu por encerrada a sessão

Foi então feita minuciosa visita aos serviços do Conselho, finda a qual se serviu uma taça de champagne, o que motivou uma expressiva troca de brindes